

# A TRANSCRIÇÃO DE *A FALECIDA* PARA O CINEMA, DE LEON HIRSZMAN

Gian Paulo Guizzo<sup>1</sup>  
Charlott Eloize Leviski<sup>2</sup>  
Rogério Tomaz<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Nelson Falcão Rodrigues, conhecido popularmente como Nelson Rodrigues, é o dramaturgo brasileiro com o maior número de obras adaptadas para o teatro e cinema. No período de 1950 a 2009, foram produzidos 22 filmes que recriaram suas histórias e deram vida às personagens repletas de conflitos interiores, com dilemas psicológicos explorados por meio de múltiplas leituras e enfoques.

O diálogo e as características do cinema nas peças rodriguianas tornaram-se campo fértil para a enorme multiplicidade de adaptações. Nesse contexto insere-se *A falecida* – obra teatral selecionada como plano de fundo ao *corpus* desta pesquisa acadêmica –, encenada, pela primeira vez, em 1953, inaugurando a fase das chamadas **tragédias cariocas** de Nelson Rodrigues.

Contemporâneo à década do lançamento de *A falecida*, encontra-se o movimento cinematográfico brasileiro denominado **Cinema Novo**. Influenciados pelo neorealismo italiano e pela *nouvelle vague* francesa, alguns jovens decepcionados com o fechamento das grandes companhias cinematográficas de São Paulo resolveram dedicar-se à criação de um novo conceito de cinema. O objetivo era apresentar vínculo efetivo com a realidade, maior conteúdo e redução de custos.

<sup>1</sup> Aluno do 4º período do curso de Letras – Português e Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail*: gian\_guizzo@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora na FAE Centro Universitário. *E-mail*: charlott18@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutorando em Educação pela Universidade São Francisco. Professor e coordenador do curso de Letras – Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: rogerio.tomaz@fae.edu

Considerado por muitos críticos cinéfilos como o diretor mais fiel ao movimento cinematovista, Leon Hirszman nasceu em 1922, no subúrbio carioca. Sua filmografia visava atingir as camadas populares por meio da arte, incentivando-as à alfabetização e às relações externas. Idealizador de inúmeros documentários, o primeiro longa de ficção foi a adaptação de *A falecida*, drama de 1964, estrelada por Fernanda Montenegro e Ivan Cândido, com roteiro do próprio diretor e de Eduardo Coutinho.

Chega-se, portanto, ao momento em que as informações apresentadas entrecruzam-se. O objetivo deste artigo científico consiste em estabelecer de que modo o cineasta Leon Hirszman realiza uma tradução intersemiótica em *A falecida*, apontando para as opções e estratégias cinematográficas utilizadas. Espera-se analisar, questionar e justificar a afirmação de que o cineasta subverteu a peça original, transformando o roteiro em um drama existencialista. Para isso, recorre-se aos embasamentos teóricos da teoria da adaptação e dos estudos interartes.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em *Obra aberta*, coletânea de ensaios sobre as formas de indeterminação das poéticas contemporâneas, o escritor italiano Umberto Eco (1991) elucida três conclusões fundamentais acerca da obra de arte. Segundo o autor, toda obra de arte pode ser caracterizada como aberta, uma vez que não contempla apenas uma interpretação.

Em um dos mais antigos textos sobre a concepção de literatura, Aristóteles, célebre filósofo grego, em *A poética*, afirma que a arte é imitação do real, fato que ele designou **mimese**. Assim, a arte é recriação da natureza veiculada pela imaginação do artista. A mimese é, portanto, imitação, com foco na reprodução das diferenças e não das analogias. Uma obra jamais será igual à outra obra. Cada uma possui realidade própria, um olhar diferenciado sob uma nova perspectiva, de onde provém o caráter diferenciado, por mais que seja uma imitação.

Ao analisar, de forma sucinta, os conceitos de **obra aberta** e **mimese**, expostos anteriormente, percebe-se a completude entre eles. Ora, se a literatura é arte e arte é recriação, **mimese**, logo, toda obra de arte encontra-se “aberta”, nas palavras de Eco, ao diálogo com outros textos artísticos. Neste universo, surge a teoria da adaptação.

Hutcheon (2011, p. 22) afirma que as adaptações fazem-se presentes em vários segmentos da sociedade atual. Elas estão nas telas da televisão e do cinema, no teatro, na internet, nos musicais, nos quadrinhos, nos romances, nos fliperamas, nos jogos de videogame etc. Para fins didáticos, este estudo centrar-se-á na relação literatura e cinema. Entretanto, o criticismo acadêmico e o ambiente jornalístico costumam observar

as adaptações contemporâneas como inferiores, secundárias e tardias. “Para alguns, [...] a literatura sempre possuirá uma superioridade axiomática sobre qualquer adaptação, por ser uma forma de arte mais antiga” (HUTCHEON, 2011, p. 24).

A questão da fidelidade pode ser facilmente observada no universo das adaptações que envolvem o texto literário e o cinema. É comum ouvir que determinado filme qualifica-se como **ruim**, **fraco** ou **decepcionante** quando comparado ao texto fonte, ou seja, a obra literária que lhe deu origem.

Os estudos interartes englobam dimensões transmidiáticas, como possibilidades e modalidades de representação, expressividade, narratividade, questões de tempo e espaço, *performance* e recitação (CLÜVER, 2006, p. 16). São passíveis de divisão dos objetos estudados aqueles que enfatizam a análise de textos e as relações intertextuais e os que abordam os fenômenos interartes, como produtos e práticas socioculturais (CLÜVER, 1997, p. 52).

## 2 METODOLOGIA

Sabe-se que a investigação científica consiste em um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos. Para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados, utilizou-se de uma metodologia com abordagem qualitativa, centrada na pesquisa bibliográfica. Relativo ao objeto, trata-se de um estudo explicativo que procura identificar os fatores que contribuíram para a ocorrência de determinados fatos. Quanto aos procedimentos técnicos, foram utilizados a pesquisa documental e o estudo de caso, uma vez que se elucidaram poucos objetos permitindo seu conhecimento amplo e detalhado. A coleta de dados realizou-se por meio de fichamento e leitura de pressupostos críticos, filosóficos e teóricos, encontrados em fontes primárias, como periódicos, livros, filmes e meio digital. O procedimento para coleta de dados consistiu na análise seletiva, reflexiva e crítica.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *falecida*, de Leon Hirszman, produzida pelas Produções Cinematográficas META LTDA, propunha uma leitura diferente a do texto teatral: traduzia a visão sob a ótica do Cinema Novo e traçava o ideário político diverso ao do dramaturgo Nelson Rodrigues. Além disso, o cineasta foi acusado de traição por ter subvertido o aspecto tragicômico das personagens da peça original, optando por transformar o roteiro em drama existencialista.

A rubrica que inicia a peça teatral *A falecida* remete o leitor à ausência plena de cenários. De acordo com o texto, “segundo a necessidade de cada situação, os personagens trazem e levam cadeiras, mesinhas, travesseiros que se traduzem como indicações sintéticas dos múltiplos ambientes” (RODRIGUES, 2012, p. 9a).

Logicamente, por se tratar de uma adaptação fílmica, a leitura de Leon Hirszman apresenta ao espectador justamente o contrário. Filmado em preto e branco, o diretor opta pelo “sério-dramático e se apoia num estilo marcante de câmera para construir, pela observação do rosto, uma visão interna da experiência dos protagonistas” (XAVIER, 1998, p. 91). Os cenários na obra fílmica centram-se no subúrbio carioca, palco ao desenvolvimento das ações que relatam a saga de Zulmira e Tuninho. Na casa do casal, é possível observar a cozinha, o banheiro localizado do lado de fora, o quarto com pouco mobiliário, o quintal, o varal para estender roupas e o tanque. Cômodos bastantes simples que são refletidos pela dimensão realista do movimento de câmera e pela iluminação, recursos típicos do Cinema Novo em que se trabalha a luz local com o intuito de registrar o cotidiano. Por fim, a funerária apresenta-se como ambiente escuro, frio e composto por funcionários que visam à lucratividade a qualquer preço.

A leitura de *A falecida* realizada por Leon Hirszman observa o texto rodriguiano como uma tragédia suburbana, desprovida de heróis. A ênfase centra-se nos elementos da existência humana. A morte não cede lugar ao tragicômico, pois ela não pode ser banalizada. É a opção que o diretor possui de inebriar o espectador com o mundo cinzento de suas personagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme fracassou em bilheteria, porém cumpriu o objetivo a que se propusera: abordar questões que retratavam a angústia feminina e a tentativa de suprir essas dores ao deparar-se com a própria imensidão vazia. Zulmira está para além de si mesma, pois coloca em jogo o tempo todo o vazio feminino que imponderavelmente caracteriza a condição humana e mais propriamente a feminilidade.

Ao analisar a transcrição de *A falecida* para o universo cinematográfico, quer seja por meio da fundamentação teórica que orientou esta pesquisa ou pela análise do longa-metragem, percebe-se que Leon Hirszman releu a peça de Nelson Rodrigues sob o viés do realismo social, elemento característico do Cinema Novo. A nova leitura concedida ao texto rodriguiano revela as marcas próprias do cineasta, oriundas do momento histórico em que se inseriu e das ideologias vivenciadas.

A fidelidade da obra adaptada ao texto fonte é literalmente impossível, pelo simples fato de que ao se alterar a mídia (literatura para cinema), a adaptação fílmica passa a ser automaticamente diferente e original (SOUSA, 2012, p. 62). Neste processo, cada autor, escritor ou artista deixa sua marca, sua assinatura e faz com que a obra perpetue no tempo e no espaço.

## REFERÊNCIAS

- A FALECIDA. Direção de Leon Hirszman. Brasil: Meta Produções Cinematográficas, 1964. 1 dvd. (90min).
- AGUIAR, F. Roteiro de leitura. In: RODRIGUES, N. **A falecida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BERNARDET, J. C. **Brasil em tempo de cinema**: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMPOS, H. de. **Metalinguagem e outras metas**: ensaio de teoria e crítica literária. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CLÜVER, C. Da transposição intersemiótica. In: ARBEX, M. (Org.). **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- \_\_\_\_\_. Estudos interartes: conceitos, termos objetivos. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 2, p. 37-55, 1997.
- \_\_\_\_\_. Inter textus/inter artes/inter media. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 10-41, jul./dez. 2006.
- CUNHA, F. C. da. **Nelson Rodrigues, evangelista**. São Paulo: Giordano, 2000.
- ECO, U. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. A diferença entre livro e filme. **Entre livros**, v. 1, n. 7, nov. 2005.
- EISENSTEIN, S. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- FURTADO, J. **A adaptação literária para cinema e televisão**. Passo Fundo: Casa do Cinema de Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br/as-conex%C3%B5es/textos-sobre-cinema/adapta%C3%A7%C3%A3o-liter%C3%A1ria-para-cinema-e-televis%C3%A3o>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- HIRSZMAN, L. **Banco de dados**. Disponível em: <<http://www.leonhirszman.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2015.
- HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- LINS, R. L. **O teatro de Nelson Rodrigues**: uma realidade em agonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- MAGALDI, S. **Nelson Rodrigues**: dramaturgia e encenações. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Teatro da obsessão**: Nelson Rodrigues. São Paulo: Global, 2004.
- MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARTINS, M. H. P. **Nelson Rodrigues** – Literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- MATOS, E. de O. **A falecida**: leituras e releituras da peça de Nelson Rodrigues e do filme de Leon Hirszman. 2014. 152f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MENDES, A. M. C. et al. (Elab.). **Trabalhos acadêmicos, normas e orientações**. 3. ed. Curitiba: FAE Centro Universitário, 2012.

METZ, C. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROCHA, G. **Revolução no cinema novo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

RODRIGUES, N. **A falecida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012a.

RODRIGUES, S. (Org.). **Nelson Rodrigues por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012b.

SOUSA, M. N. **A narrativa na encruzilhada**: a questão da fidelidade na adaptação de obras literárias ao cinema. Braga: Universidade do Minho, 2012.

STAM, R. **Introdução à teoria do cinema**. 2. ed. Trad. Fernando Macarello. Campinas: Papirus, 2006.

XAVIER, I. **O olhar e a cena**: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

XAVIER, I. A falecida e o realismo, a contrapelo, de Leon Hirszman. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 50, p. 191-209, mar. 1998. Disponível em: <[http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/84/20080627\\_a\\_falecida\\_e\\_o\\_realismo.pdf](http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/84/20080627_a_falecida_e_o_realismo.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2015.